



Cartão de imunização já é adotado em 249 municípios do país; capitais como São Paulo, Rio de Janeiro e Florianópolis aderiram. Especialistas reforçam que documento ajuda na prevenção e no combate à pandemia da covid-19

Passaporte sanitário estimula vacinação

» FERNANDA STRICKLAND

Além de possibilitar viagens ao exterior, comprovar a vacinação tem se tornado rotina nas cidades brasileiras, que adotam diferentes modelos de passaporte sanitário. De acordo com levantamento da Confederação Nacional de Municípios (CNM), ao menos 249 municípios criaram regras do tipo, recorrendo, também, ao certificado do ConecteSUS, aplicativo do Ministério da Saúde. São Paulo, Rio de Janeiro e Florianópolis são algumas das capitais que condicionam acesso a shows, eventos, restaurantes, pontos turísticos e até hospedagem em hotéis, motivando a procura pelos postos de vacinação.

Uma das cidades pioneiras na adoção da obrigatoriedade do passaporte, a Secretária Municipal de Saúde do Rio de Janeiro lembra que, desde o último dia 15, está em vigor o decreto que estabelece a obrigatoriedade do comprovante vacinal contra a covid-19 para acesso a uma série de estabelecimentos coletivos no Rio, seja para cariocas e turistas. “Antes disso, outros decretos estavam em vigor desde agosto e início de setembro, estabelecendo obrigatoriedade vacinal para servidores municipais e para uso de alguns serviços públicos”, completa a pasta.

Segundo a secretaria, desde que o conjunto de decretos foi publicado, um número expressivo de pessoas que não haviam tomado a primeira dose à época em que deveriam, ou que não haviam retornado para a segunda dose, passou a comparecer aos postos de vacinação.

A CNM afirma que o passaporte é uma medida sanitária coletiva por ser uma forma de incentivar a vacinação. Além disso, a permissão para que circulem apenas pessoas vacinadas diminui o risco de casos graves e, por consequência, a lotação dos leitos de internação, já que o imunizante atenua a ação do vírus. A organização afirma que é provável que mais cidades passem a exigir o comprovante.

O Boletim do Observatório Covid-19 Fiocruz, divulgado na última sexta-feira, aponta o passaporte de vacinas como uma importante estratégia para estimular e ampliar a imunização no Brasil. Na última atualização do Ministério da Saúde, o país contava com 240 milhões de brasileiros com a vacinação completa. Segundo o boletim, ao defender a adoção dessa iniciativa em todo o território nacional, o documento destaca o princípio do ponto de vista da saúde pública de que “a proteção de uns depende da proteção de outros e de que não haverá saúde para alguns se não houver saúde para todos”.

O infectologista Julival Ribeiro acredita que, em um primeiro momento, as autoridades sanitárias devem fazer um apelo mostrando o benefício da prevenção da covid-19 com o documento. “Se as pessoas não aderirem ao chamado para se vacinarem, sou totalmente favorável à exigência do passaporte

» Pfizer perto dos 100 milhões de doses

A Pfizer atingiria, ontem, a meta de entregar os 100 milhões de doses do primeiro contrato assinado pelo governo brasileiro em março de 2021. No entanto, apenas três dos quatro voos com doses da vacina ComiRNAty foram entregues no Aeroporto de Viracopos, em Campinas. Dos 4 milhões de doses previstas, desembarcaram 2.895.750 de unidades. Segundo a farmacêutica, o quarto voo, com 1.140.750 de vacinas, “foi remanejado por questões logísticas para a próxima semana”. A operação estava marcada, inicialmente, para sexta-feira, mas acabou reprogramada pela empresa. O primeiro voo dos três que chegaram ao Brasil pousou no terminal de Campinas às 5h35, com 520.650 doses. O segundo aterrissou às 6h, com 1,5 milhão de imunizantes. O terceiro chegou ainda no período da manhã trazendo 854.100 aplicações. O segundo contrato, assinado pelo governo brasileiro em maio deste ano, entra em vigor após a finalização do primeiro acordo. De acordo com a Pfizer, mais de 100 milhões de vacinas serão entregues entre outubro e dezembro de 2021.

para prevenir a covid. Se a população não atender esse pedido deve, sim, ser exigido o passaporte vacinal se quiser ter acesso aos locais públicos e privados”, declara o infectologista.

A Secretaria de Estado da Saúde de Santa Catarina explica que “o passaporte da vacina é uma atribuição dos gestores municipais em função dos impactos nos municípios e porque cada região tem características distintas”. Em nota sustenta que “a Saúde e o Governo de SC estão trabalhando incessantemente para conscientizar a população sobre a importância da vacinação, promovendo campanhas e incentivando mutirões, além de toda a logística organizada pelo Estado para operacionalizar a campanha de vacinação contra a covid-19”.

O Ministério da Saúde, por sua vez, informou ao Correio que o aplicativo Conecte SUS, abastecido pelos estabelecimentos de saúde nos estados e municípios, é a plataforma oficial para a emissão do Certificado Nacional de Vacinação. “Cabe à Pasta a elaboração das políticas públicas de Saúde e as suas diretrizes, e aos entes federados a organização da rede local para a execução das ações”, acrescentou a pasta.

Queiroga liberado

O ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, afirmou ontem que testou negativo para a covid-19. O ministro vai retornar ao Brasil, após cumprir quarentena nos Estados Unidos. Queiroga havia sido infectado durante a passagem da delegação que representou o país em Nova York, na Assembleia-Geral da Organização das Nações Unidas (ONU). Ele divulgou que não está mais com a covid-19 por meio de mensagem publicada no Twitter.

O ministro disse que volta ao Brasil “em breve”, mas não especificou data. “Meu novo exame de RT-PCR deu negativo para a covid-19. Em breve retorno ao Brasil! Agradeço a todos que enviaram boas vibrações. Mãos dadas. Vamos em frente!”

» Morre, aos 42, ator Caike Luna, o 'Cleiton' de Zorra Total

Instagram/Reprodução



O ator paranaense Caike Luna, que ficou conhecido após interpretar o personagem Cleiton, no programa humorístico *Zorra Total*, da TV Globo, morreu ontem de câncer. Aos 42 anos, ele não resistiu às complicações de um Linfoma Não-Hodgkin, o mesmo que Reynaldo Gianecchini e Edson Celulari tiveram. O comediante lutava contra o câncer desde abril deste ano. Ele integrava, atualmente, o elenco de programas do Multishow. A última publicação de Caike, em 4 de setembro, mostra um trecho bem-humorado dele em cena, inclusive com Paulo Gustavo, que morreu em maio em decorrência de

complicações da covid-19. “Quando não durmo, busco ver coisas que me deixam feliz... olha o que achei hoje!”, escreveu na legenda das imagens. A atriz Katiúscia Canoro lamentou a morte do amigo e companheiro de palco nas cenas de Lady Kate, sua personagem. “É com a maior tristeza do mundo que venho comunicar a partida do meu irmão”, escreveu na legenda da foto em que ambos aparecem sorridentes. A publicação foi comentada por diversos amigos e artistas, como Tatá Werneck: “Querida, espero que fique bem. Ele também. E a família dele. Que ano difícil”.

TRABALHO

Cuidadores na informalidade

» GABRIELA BERNARDES*
» LUÍZA VICTORINO*

O número de brasileiros acima dos 60 anos deve mais do que dobrar até 2050, passando de 24 milhões para 64 milhões, segundo projeção do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Além disso, a população brasileira deve parar de crescer até 2047, devido à baixa taxa de fecundidade. E é nesse cenário de inversão da pirâmide etária, que a profissão de cuidador tem encontrado espaço para crescer. Dentre 2,6 mil profissões pesquisadas, o ofício foi o que mais se expandiu entre os anos de 2007 e 2017, atingindo aumento de 547%, de acordo com dados da Confederação Nacional de Bens, Serviços e Turismo (CNC) e do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE).

Uma pesquisa do Instituto Lado a Lado pela Vida (LAL) e da Veja Saúde mostra a realidade de

parte dos cuidadores do país. O levantamento reuniu dados, por meio de formulário on-line, de 2.534 cuidadores (2.047 familiares e 487 profissionais) de todas as regiões do Brasil. Entre os participantes, 60% têm, pelo menos, 50 anos — e um terço deles têm 60 anos ou mais.

Mesmo com aumento vertiginoso da classe laboral, contudo, esses profissionais ainda enfrentam desafios em meio à alta informalidade. Em 2019, o projeto de lei que visava regulamentar a categoria foi integralmente vetado pelo presidente Jair Bolsonaro. O texto definia, entre outras atribuições, que cuidadores deveriam ter no mínimo 18 anos, ensino fundamental completo e curso de qualificação na área.

Segundo Ana Lúcia Marques de Souza, psicanalista e gestora gerontológica, “a não regulamentação dá margem para uma zona cinzenta de trabalho informal. Os cuidadores, hoje, são auxiliares e

técnicos de enfermagem que não conseguem trabalho em instituições hospitalares ou homecare. Mas, principalmente, a empregada doméstica que assume essa posição sem nem perceber”.

A ex-cuidadora ressalta, ainda, que essa empregada é colocada em uma tripla função. “Ela sai da periferia com uma jornada em sua própria casa, muitas vezes sendo mãe solo, para lidar com seu trabalho de doméstica e, além de tudo, com o cuidado do paciente. Ela se torna cuidadora e sequer é reconhecida por isso”, pontua.

Em um duplo desamparo, com o idoso isolado em casa e a empregada também isolada e desvalorizada, ambos se encontram em uma situação de abandono velado. “Nesse contexto, o cuidador costuma fazer um vínculo único de afeto com aquele paciente, o que, muitas vezes, o adocece e o aprisiona, porque ele passa a não viver mais sua realidade, mas, sim, a do idoso. Quan-

do esse paciente morre, o cuidador vive um luto não autorizado, não consentido e que não tem lugar de escuta e de cuidado no processo”, explica Ana Lúcia.

Daniela Jones, fundadora da Said Rio, empresa agenciadora de cuidadores, conta que as funções do profissional são restritas, e que isso deve sempre estar claro. “Os cuidadores cuidam de tudo relacionado ao paciente e apenas isso. Alimentação, limpeza do ambiente do paciente, controle de remédios e acompanhamento em consultas e passeios, por exemplo. Esse profissional não está lá para fazer faxina. Às vezes, o cliente confunde e contrata alguém pensando que ele servirá a casa inteira”, exemplifica.

Resistência

Trabalhando na área há mais de 10 anos, Júlio César, 47 anos, conta que um dos maiores desafios da profissão é quando “o paciente precisa de nós por estar muito doente, mas sua mente, que também está doente, não aceita a nossa ajuda”.

Ivone Cardoso, 38 anos, atua como cuidadora há dois. Assim como Júlio, ela enxerga na falta de confiança por parte do paciente o principal obstáculo da carreira. “É um desafio diário, mas a adaptação do idoso a um profissional estranho no seu ambiente familiar é o principal. Além de cuidados com as medicações e com a higiene corporal e bucal porque, às vezes, não querem fazer de acordo com o protocolo do cuidador”, detalha. Por outro lado, diz Ivone, quando conseguem se adaptar aos poucos, os pacientes “tornam-se carinhosos e nos contam muitas histórias lindas de vida”.

O levantamento Cuidadores do Brasil, do Lado a Lado pela Vida, também revelou dados sobre impacto na saúde emocional e física desses profissionais. Cerca de 48% dos entrevistados disseram sofrer com estresse e 20% têm insônia. Também são comuns relatos de dores e lesões por esforço repetitivo (LER).

*Estagiários sob a supervisão de Andreia Castro

» Reflexos da pandemia

Em audiência pública da Comissão de Defesa dos Direitos das Pessoas com Deficiência da Câmara dos Deputados, no mês passado, representantes da profissão reivindicaram mais medidas para valorização da atividade. Para eles, é importante delimitar as funções do cuidador, garantir direitos e evitar baixos salários e jornadas excessivas. Os participantes da reunião afirmaram que a pandemia trouxe diversas dificuldades para o setor. Como trabalham com idosos, pessoas com deficiência e outras com limitações temporárias, muitos perderam o emprego, uma vez que as famílias queriam que eles evitassem o deslocamento no transporte coletivo e dormissem no trabalho. “Na pandemia, nós enxergamos uma diminuição de trabalho. As famílias dos pacientes ficaram com medo, porque o cuidador vai e volta de transporte público e os clientes ficaram com receio”, lamenta Daniela Jones, fundadora da Said Rio, empresa agenciadora de cuidadores.